

SOBRE A SAGRADA TRADIÇÃO E A *DEI VERBUM*

Manoel Augusto dos Santos

Doutor em Teologia pela Universidad de Navarra, Espanha. Realizou pesquisas de pós-doutorado na Pontificia Università della Santa Croce de Roma, Itália. Professor da Pontificia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. E-mail: masantos@puccrs.br

Resumo: *Analisa a compreensão da Revelação e suas devidas relações com a Escritura e a Tradição, partindo do Concílio de Trento e culminando na apresentação que propõe a Dei Verbum no Vaticano II. Apresenta-se a fonte da Revelação na relação entre Escritura e Tradição como unidade, tendo porém presente sua distinção, que é antes de tudo estrutural, sendo a fixidade da Escritura manifestação de seu caráter definitivo, outrossim que a Tradição perfaz-se plástica no sentido em que pertence à sua essência o desenvolvimento, não por acréscimo de novidade fora depósito da fé, senão pela compreensão e explicitação de perspectivas antes só implícitas; ora, se a Palavra de Deus se dá pela inspiração, a Tradição é palavra humana que recorda e explica o ensinamento divino com a assistência do Espírito Santo, excluindo o erro no conjunto da Tradição e em alguns atos individuais (as definições dogmáticas). Conclui-se que a Igreja vive da Palavra de Deus e a Palavra de Deus ressoa na Igreja, sendo o conjunto da Escritura e da Tradição a regra suprema da sua fé, cabendo à Teologia investigar à luz da fé, da maneira que precisara o Concílio Vaticano II, toda a verdade contida no mistério de Cristo, tendo em conta a interdependência e a unidade desses dois elementos, junto com o Magistério enquanto intérprete autêntico desses, provindo dessa relação a realidade que constitui um princípio fundamental a ser lembrado para qualquer tipo de trabalho teológico.*

Palavras-chave: Revelação. Tradição. Escritura. Concílio Vaticano II. Dei Verbum.

Abstract: *It analyzes the comprehension of Revelation and its due relation with Scripture and Tradition, starting in Council of Trento and culminating in the presentation that proposes Dei Verbum in II Vatican. It is noted the source of Revelation in the relation between Scripture and Revelation as unit, though having present its distinction, that is structural, above everything, the fixity of Scripture being the manifestation of its definite character, once Tradition is made plastic in the sense that development belongs to its essence, not for adding the news out of the faith deposit, but through the comprehension and explanation of perspectives only implicit before; nevertheless, if the Word of God is given by inspiration, Tradition is the human word that reminds and explains divine precept with the assistance of Holy Spirit, excluding the mistake in the entirety of Tradition and in some individual acts (dogmatic definitions). It is concluded that Church lives of the Word of God and the Word of God resonates in the church, and the entirety of Scripture and Tradition is the supreme rule of its faith, fitting to Theology the investigation - at light of faith - of the manners specified by II Vatican Council, the whole truth contained in the mystery of Christ, having present the interdependence and the unity of these two elements, together with Mastership as authentic interpret of them, coming out of this relation the reality that constitutes a fundamental principle to be reminded in any sort of theological work.*

Keywords: Revelation. Tradition. Scripture. II Vatican Council. Dei Verbum.

Resumen: Analiza la comprensión de la Revelación y sus debidas relaciones con la Escritura y la Tradición, partiendo del Concilio de Trento y culminando en la presentación que propone la Dei Verbum en el Vaticano II. Se presenta la fuente de la Revelación en la relación entre Escritura y Tradición como unidad, teniendo sin embargo presente su distinción, que es antes de todo estructural, siendo la fijeza de la Escritura manifestación de su carácter definitivo, del mismo modo que la Tradición se hace plástica en el sentido en que pertenece a su esencia el desenvolvimiento, no por adición de novedad fuera depósito de la fe, sino por la comprensión y explicitación de perspectivas antes solamente implícitas; ahora, si la Palabra de Dios se da por la inspiración, la Tradición es palabra humana que recuerda y explica la enseñanza divina con la asistencia del Espíritu Santo, excluyendo el error en el conjunto de la Tradición y en algunos actos individuales (las definiciones dogmáticas). Se concluye que la Iglesia vive de la Palabra de Dios y la Palabra de Dios resuena en la Iglesia, siendo el conjunto de la Escritura y de la Tradición la regla suprema de su fe, cabiendo a la Teología investigar a la luz de la fe, de la forma indicada por el Concilio Vaticano II, toda la verdad contenida en el misterio de Cristo, teniendo en cuenta la interdependencia y la unidad de esos dos elementos, junto con el Magisterio como su intérprete auténtico, previendo de esa relación la realidad que constituye un principio fundamental a ser recordado para cualquier tipo de trabajo teológico.

Palabras clave: Revelación. Tradición. Escritura. Concilio Vaticano II. Dei Verbum.

Sommario: Analizza la comprensione della Rivelazione e le sue relazioni con la Scrittura e la Tradizione, partendo dal Concilio di Trento e culminando con la presentazione che ne propone la Dei Verbum nel Vaticano II. Si presenta la fonte della Rivelazione nella relazione tra Scrittura e Tradizione come unità, tenendo conto però della loro distinzione, che è principalmente strutturale. Essendo la fissità della Scrittura manifestazione del suo carattere definitivo, allo stesso modo la Tradizione è plastica, nel senso che appartiene alla sua essenza lo sviluppo, non per l'aggiunta di novità fuori dal deposito della fede, ma piuttosto per la comprensione e chiarimento delle prospettive che prima erano implicite. Ora, se la Parola di Dio è data per ispirazione,

la Tradizione, che è parola umana, ricorda e spiega l'insegnamento divino con l'assistenza dello Spirito Santo. Si conclude che la Chiesa vive della Parola di Dio e la Parola di Dio risuona nella Chiesa, essendo l'unione della Scrittura e della Tradizione la regola suprema della sua fede. Compito della Teologia è di indagare, alla luce della fede, tutta la verità contenuta nel mistero di Cristo, avendo in considerazione l'interdipendenza e l'unità di questi due elementi e usando il Magistero come interprete autentico dei due. È da questa relazione che proviene la realtà che costituisce un principio fondamentale da ricordare per qualsiasi tipo di lavoro teologico.

Parole chiave: Rivelazione. Tradizione. Scrittura. Concilio Vaticano II. Dei Verbum.

Résumé: Analyse l'entente de la Révélation et de leurs relations respectives avec l'Écriture et la Tradition, sur la base du Conseil Trento et culminant dans la présentation proposé à la Dei Verbum au Vatican II. Présente la source de la Révélation dans la relation entre l'Écriture et la Tradition comme une unité, compte tenu de leur distinction, qui est avant tout structurelle, et la fixité de l'Écriture comme manifestation de son caractère définitif, en outre que la Tradition se fait plastique attendu que le développement est de son essence, pas pour adjonction de nouveauté dehors dépôt de foi, mais pour la compréhension et la explicitation des perspectives avant juste implicites ; alors, si la Parole de Dieu est donnée par l'inspiration, la Tradition est parole humaine qui rappelle et explique l'enseignement divin avec l'aide de l'Esprit Saint, à l'exclusion de l'erreur dans l'ensemble de la Tradition et dans certains actes individuels (les définitions dogmatiques). Nous concluons que l'Eglise vit de la Parole de Dieu et la Parole de Dieu retentit dans l'Église, étant l'ensemble de l'Écriture et de la Tradition la règle suprême de sa foi, alors que la théologie enquête à la lumière de la foi, à la façon dont le Vatican II a précisé, sur toute la vérité contenue dans le mystère du Christ, en tenant compte de l'interdépendance et de l'unité de ces deux éléments, avec le Magistère comme leur authentique interprète, venant de cette relation la réalité qui est un principe fondamental à retenir pour tout type de travail théologique.

Mots-clés: Révélation. Tradition. Écriture. Vatican II. Dei Verbum.

O presente estudo trata da Sagrada Tradição no marco dos cinquenta anos da promulgação da Constituição Dogmática *De divina Revelatione*, do Concílio Vaticano II, conhecida como *Dei Verbum*. Sem dúvida é “um dos textos de topo do Concílio, que, de resto, ainda não foi completamente posto em prática. (...) A tarefa de comunicar as reais afirmações do Concílio à consciência eclesial - e de a plasmar a partir desta última - está ainda por fazer”¹.

O Vaticano II quis seguir os Concílios Tridentino e Vaticano I, propondo a doutrina sobre a Revelação e sua transmissão², numa exposição positiva e testemunhal da fé³. Porém, diferencia a economia da Revelação da economia da sua transmissão, pensando a Revelação e os conceitos intimamente ligados a ela. Pela primeira vez um concílio se punha a estudar de maneira consciente e metódica as categorias mais primordiais do cristianismo, em busca de unidade e síntese na aproximação aos fundamentos da fé. “Essas noções, onipresentes no cristianismo e implicadas em qualquer processo teológico, são também as mais difíceis de definir, justamente por serem noções primeiras”⁴.

As relações entre Revelação, Tradição e Escritura inspiram e fundamentam todo o documento. Tais relações gozaram sempre de grande importância na vida da Igreja e no pensar teológico, não apenas em momentos críticos, como o da reforma protestante, mas porque a adequada ou inadequada compreensão dessas relações determina uma influência decisiva sobre a compreensão da fé, da Tradição, da Escritura e do método teológico. Assim, a *Dei Verbum* é objeto do presente estudo o capítulo II, acerca da transmissão da Revelação, na qual está inserida a Tradição⁵.

¹ RATZINGER, J. *A minha vida*. Lisboa: Livros do Brasil, 2005. p. 91.

² CONCÍLIO VATICANO, 2., 1962-1965. Constituição Dogmática *Dei Verbum* sobre a Revelação Divina. n.1. Disponível em: http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651118_dei-verbum_po.html. Acesso em: 20 jun. 2014. Ora em diante este documento será referido pela sigla DV seguido do número correspondente.

³ VANHOYE, A. La parola di Dio nella vita della Chiesa; La recezione della *Dei Verbum*. In: FISICHELLA, R. (org.). *Il Concilio Vaticano II; Recezione e attualità alla luce del Giubileo*. Milano: San Paolo, 2000. p. 35.

⁴ LATOURELLE, R. *Teologia da Revelação*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1981. p. 399.

⁵ DV 7-10.

1 ANTECEDENTES

Todo concílio deve confrontar os problemas históricos. No caso, a questão principal era teológica: a compreensão fundamental da Igreja em sua relação com a Palavra de Deus, aprofundando e ampliando o decreto do Concílio de Trento acerca da Escritura e da Tradição. De fato, havia uma nova compreensão do fenômeno da Tradição.

1.1 O CONCÍLIO DE TRENTO E A TEOLOGIA PÓS-TRIDENTINA

Antes de tudo, como pano de fundo, para Trento, havia o problema da Reforma e a relação entre Tradição e Escritura. Em seu enfrentamento com a Igreja, Lutero havia chegado à convicção de que o Magistério mantinha como prisioneira a Escritura. A partir daí formulou: *sola Scriptura*, quer dizer, a Escritura é suficiente para a fé do cristão e não necessita de interpretações eclesiais⁶.

O decreto *Sacrosancta*, promulgado na IV Sessão do Concílio de Trento, a 8 de abril de 1546, começa indicando que o Concílio tem como finalidade geral a conservação da pureza do Evangelho mediante a eliminação dos erros⁷; os erros aos quais se refere o texto são, como se sabe, principalmente os dos reformadores protestantes. A seguir, o texto afirma que o Evangelho, cuja pureza se trata de conservar mediante a erradicação dos erros, é aquele prometido por meio dos profetas e promulgado por Cristo, que chega a nós mediante os livros do Antigo e do Novo Testamento e mediante tradições não escritas; Escritura e tradições que a Igreja recebe com a mesma piedade e reverência⁸.

É interessante observar que o decreto aplica a noção de fonte (de toda verdade de salvação e da disciplina moral) não à Escritura nem às tradições, mas ao Evangelho, entendido em sentido amplo: o ensinamento de Cristo

⁶ RATZINGER, J. *Obras completas*. V. VII/1. Madrid: BAC, 2013. p. 418.

⁷ DENZINGER, Heinrich; SCHÖNMEYER, Adolfus. *Enchiridion Symbolorum: definitionum et declarationum de rebus fidei et morum*, n. 1501.33. ed. Barcelona: Herder, 1965. Daqui em diante usar-se-á a sigla DS seguida do número de referência do número citado: DS1501.

⁸ DS 1501 e 1504.

e dos Apóstolos. A Escritura (Antigo e Novo Testamento) e as tradições não escritas são os meios através dos quais é transmitido este Evangelho. A relação entre Escritura e tradições não escritas é, pois, afirmada mediante o fato que ambas são meios, canais ou modos de transmissão do Evangelho. No entanto, não se indica qual relação existe entre Escritura e tradições do ponto de vista do conteúdo material; ou seja, se todo o Evangelho é transmitido através de cada um dos dois, ou se a Escritura contém parte da Revelação e as tradições contenham outra parte.

De qualquer modo, está fora de dúvida que a intenção do Concílio foi reafirmar – contra o princípio luterano da *sola Scriptura* – a existência e necessidade da Tradição, a qual, pela sua origem divina e apostólica é recebida na Igreja com a mesma piedade e veneração que a Sagrada Escritura. Assim, Trento formulou claramente a convicção católica: “Escritura e Tradição”, ou seja, o cristão não recebe a sua fé de um livro, mas da comunidade dos que acreditaram antes dele, quer dizer, da Igreja, que reverencia a Escritura como o testemunho mais ilustre da sua fé⁹.

Pouco depois de Trento, impôs-se com crescente força a tendência de que a expressão “Escritura e Tradição” fosse compreendida cada vez mais no sentido de uma mera justaposição, entendida quase mecanicamente, como se houvesse dois grupos de verdades que existissem independentemente: o grupo das verdades escritas e o grupo das verdades que foram transmitidas oralmente. Assim, formou-se um conceito um tanto quantitativo de Revelação, como se essa fosse um depósito de uma soma de verdades particulares repartido em dois recipientes. Aparece então a ideia das duas fontes da Revelação¹⁰.

Os teólogos contemporâneos a Trento e posteriores até o século XVIII escreveram, sobretudo, em chave de controvérsia antiprotestante. De modo geral, na teologia pós-tridentina é afirmada a insuficiência formal e material

⁹ RATZINGER, J., 2013. p. 418.

¹⁰ Ibid., p. 419.

da Escritura. Formal porque a Bíblia precisa ser interpretada de acordo com a Tradição; material, porque existem coisas recebidas universalmente na Igreja, que não estão contidas na Escritura, mas foram transmitidas na Tradição dos Apóstolos. Assim, no que diz respeito às relações Escritura-Tradição, é uma concepção teológica substancialmente tradicional, em continuidade com a concepção patrística e a escolástica. No entanto, neste período pós-tridentino existe um esforço maior na determinação das tradições não escritas e do seu valor. Além disso, existe a tendência a destacar muito o papel do Magistério da Igreja, que às vezes parece ser completamente identificado, pelo menos de fato, com a Tradição. “Talvez na teologia anterior ao Vaticano II tenha predominado excessivamente um conceito de Revelação que reduzia esta à comunicação, por parte de Deus, de algumas verdades, de algumas palavras com conteúdo concreto”¹¹.

Trento definiu que a verdade evangélica está contida nos livros escritos e nas tradições não escritas (*in libris scriptis et sine scripto traditiones*). Na teologia pós-tridentina se interpretava o etno sentido de complementaridade quantitativa. Ou seja, uma parte da verdade vem pela Escritura e o que resta vem pela Tradição. Seriam duas fontes da regra da fé e a Bíblia foi mais ou menos reduzida a um depósito do qual se extraem provas escriturísticas *a posteriori*, havia a atitude de se aproximar dela de maneira isolada e de ignorar ou não tomar na devida conta a sua essencial relação com a Tradição e com o Magistério. De forma majoritária, esse entendimento seguirá até as vésperas do Vaticano II.

1.2 A RENOVAÇÃO TEOLÓGICA DO SÉCULO XIX

No século XIX, houve uma renovação teológica notável, sobretudo com o trabalho da Escola de Tübingen (representada principalmente por Möhler) e da Escola Romana (cujo máximo expoente foi Franzelin) e com John Henry Newman. É notável a importância e a influência de Johann Adam Möhler que

¹¹ LADARIA, L. O que é um dogma? O problema do dogma na teologia atual. In: NEUFELD, K. (Org.). *Problemas e perspectivas de Teologia Dogmática*. São Paulo: Loyola, 1993. p. 87.

destacou com força a dimensão pneumática da Igreja e, portanto, da Tradição, que é “o Evangelho vivo”, sem por isso minimizar a dimensão institucional e hierárquica da Igreja mesma. A posição de Möhler sobre as relações Escritura-Tradição pode ser considerada tradicional, em continuidade com a patrística e a escolástica. Todavia, destacando a unidade da Igreja como unidade no Espírito Santo, insistiu muita sobre unidade entre a Escritura e Tradição e sobre a natureza da Tradição viva: a Tradição é a expressão do Espírito Santo, corre através de todos os tempos, vigora em cada momento, e toma corpo continuamente; a Escritura é a expressão do Espírito Santo que tomou corpo por primeiro, no início do cristianismo, pela graça particular concedida aos Apóstolos, o primeiro membro da Tradição escrita; o problema se a Tradição e a Escritura sejam coordenadas ou subordinadas, não pode ser nem mesmo colocado, porque se fundamenta em pressupostos falsos; não existe contraste entre uma e outra, a Tradição e a Escritura não correm uma junto à outra como duas linhas paralelas, elas se fundiram, procedendo através dos séculos uma na outra, vivendo em íntima unidade¹². Möhler insistirá: a Igreja não é fundada sobre a Escritura; o cristianismo vivia na alma do Senhor – e na alma dos seus apóstolos repletos do Espírito Santo – antes mesmo de tornar-se conceito, discurso, letra; fora da Igreja, a Escritura não pode ser compreendida, só a Igreja pode explicar a Bíblia¹³. Analogamente, a Tradição é a palavra do Espírito divino, difundida em todos os séculos; por isso, como a Escritura, é pouco entendida fora da Igreja¹⁴.

A Tradição é, segundo Möhler, a vida da Igreja animada pelo Espírito Santo, enquanto que esta mesma vida é também transmissão do Evangelho (de toda a realidade cristã)¹⁵. Por isso, a Tradição não é simples transmissão de um *depositum*, mas também o progresso e o desenvolvimento doutrinal da Igreja¹⁶. A Bíblia é a primeira expressão escrita (por inspiração divina) da

¹² MÖHLER, J. A. *La unidad de la Iglesia*. Pamplona: Eunote, 1996. p. 135-142.

¹³ *Ibid.*, p. 116.

¹⁴ *Ibid.*, p. 127.

¹⁵ *Ibid.*, p. 100.

¹⁶ *Ibid.*, p. 127.

Tradição; a Tradição explica o sentido da Escritura e é também alimentada pela Escritura¹⁷. A alma de toda esta transmissão viva do Evangelho é o Espírito Santo. Com estes pressupostos, a questão de se na Tradição há verdades não contidas na Escritura perde significado, porque a Tradição e a Escritura não são realidades separáveis¹⁸.

Já Franzelin realizou um notável esforço de sistematização e esclarecimento conceitual. O aspecto mais característico da concepção teológica de Franzelin é, talvez, a sua insistência no papel do Magistério da Igreja – como parte principal da Tradição ativa – no discernimento das autênticas tradições e na sua conservação. Afirma que não se pode dar *a priori* – dada a natureza da Revelação, da Escritura e do Magistério – resposta à pergunta se existem ou não verdades reveladas não contidas na Escritura, porque isto depende da liberdade divina; por isso, é necessária a investigação histórica, isto é, investigar se de fato existem ou não existem. A sua resposta é afirmativa: existem *dogmata non scripta*. Franzelin dá como exemplos quais são os livros inspirados, o batismo de crianças e a validade do batismo conferido pelos hereges. No entanto, Franzelin insiste em destacar que o ponto verdadeiramente importante na disputa com os protestantes não é este, mas sim o mesmo princípio formal de Tradição¹⁹.

Para Newman, a centralidade da Igreja se encontra certamente ligada à posse da Tradição, mas essa não é uma transmissão de um depósito fixado uma vez para sempre. A Tradição não deveria ser entendida como uma soma de afirmações a serem transmitidas bem ordenadas e intactas, porém a expressão da assimilação progressiva, mediante a fé da Igreja, dos fatos e doutrinas testemunhados na Escritura. Daí, não se descobriria a verdade cristã isolando os crentes da Tradição, mas nela os inserindo. Se a inteligência crente se desliga da Tradição, longe de se libertar, debilita-se e morre²⁰.

¹⁷ MÖEHLER, J. A. *La unidad de la Iglesia*. Pamplona: Eunote, 1996. p. 138.

¹⁸ *Ibid.*, p. 135.

¹⁹ OCÁRIZ, F., BLANCO, A. *Revelación, fe y credibilidad*. Madrid: Palabra, 1998. p. 195.

²⁰ MORALES, J. *Introducción a la Teología*. Pamplona: EUNSA, 1998. p. 152.

Newman não se limitou a descrever a Tradição como sujeito, quer dizer, não falou somente da Igreja como leitora do passado, mas justificou a Tradição como objeto, quer dizer, como um conjunto de leituras que formam um organismo doutrinal em desenvolvimento histórico. A ideia do cristianismo apresenta um objeto real, uma realidade viva que vem de Deus através da Revelação, existe na Igreja e se desenvolve inseparavelmente da consciência crente ao longo do curso histórico²¹. A Tradição não seria outra coisa que a vida e a verdade que Cristo transmite aos seus seguidores incorporando-os a si mesmo²².

1.3 A TEOLOGIA POUCO ANTES DO CONCÍLIO VATICANO II

A definição do dogma da Assunção de Nossa Senhora, em 1950, provocou interesse sobre as relações entre Escritura e Tradição, sobretudo do ponto de vista do conteúdo material. Colocou-se, de fato, a pergunta se esta verdade revelada está contida só na Tradição não escrita e, portanto, existiria uma Tradição dogmaticamente constitutiva, ou se a Assunção está revelada na Escritura de algum modo²³.

Tratava-se da tentativa de chegar a uma nova consciência da essência da Tradição, que se iniciou na Alemanha, sobretudo pelos trabalhos do teólogo Josef Rupert Geiselmann, de Tübingen. Em 1956, Geiselmann publicou um artigo no qual sustentava – como interpretação da doutrina do Concílio de Trento – a tese da suficiência material da Escritura. Ele havia constatado que a formulação tridentina “*hanc veritatem (...) contineri in libris scriptis et sine scripto traditionibus*” era uma modificação introduzida à raiz das objeções formuladas por diferentes Padres conciliares à anterior: “*contineri partim in libris scriptis, partim in sine scripto traditionibus*”. Segundo Geiselmann, ao renunciar a uma fixação tão unívoca da relação entre Escritura e Tradição, Trento deixou aberta a questão da relação de ambas realidades e, fora a

²¹ MORALES, J. *Introducción a la Teología*. Pamplona: EUNSA, 1998. p. 194.

²² MONDIN, B. *Dizionario dei Teologi*. Bologna: Studio Domenicano, 1992. p. 407.

²³ O texto da Constituição apostólica *Munificentissimus Deus*, com a qual foi definido o dogma, não oferece uma resposta unívoca a essa questão (cf. DS 3900-3904).

opinião de que na Escritura e na Tradição se encontravam, por separado, diversas partes da Revelação, quis, pelo visto, deixar intacta também a opinião de que todo o necessário para a fé estaria contido também na *sola Scriptura* e que a relação entre Escritura e Tradição deveria se pensar mais no sentido de um *totum-totum* que de um *partim-partim*²⁴.

A tese de Geiselman deu origem a muitos estudos e a uma viva controvérsia que se prolongou até o Concílio Vaticano II e que dividiu os teólogos em posições contrastantes que podem ser resumidas em três direções principais sobre o argumento. Em primeiro lugar, havia a tese da insuficiência, também material, da Escritura. Além da distinção formal entre Escritura e Tradição, afirmava-se a distinção material entre Escritura e tradições não escritas, às quais se refere o Concílio de Trento. Neste sentido, Escritura e tradições (não Tradição em geral) excluem-se mutuamente: ou uma coisa é escrita, ou não é escrita. É preciso avaliar se estas tradições não escritas, que certamente não estão contidas na Escritura, contêm alguma verdade de fé ou somente aspectos culturais e disciplinares. Por essa primeira tese, existiriam também verdades relacionadas à fé, que foram transmitidas mediante estas tradições não escritas: o decreto *Sacrosancta* do Concílio de Trento não oferece motivo para limitar o conteúdo destas tradições aos aspectos culturais e disciplinares. Em segundo lugar, a tese que afirma a suficiência material da Escritura, proposta, sobretudo, por Geiselman. Essa tese não pode ser identificada com o princípio protestante da *sola Scriptura*, porque afirma a suficiência material, mas a insuficiência formal da Escritura. Ademais, esta tese admite sem dúvida a existência de uma Tradição constitutiva com relação aos *mores* e às *consuetudines* da Igreja. Porém afirma que, no que se relaciona com a fé, a Tradição é somente explicativa e interpretativa. Em terceiro lugar, a tese que pode ser considerada como uma tentativa de mediação entre as duas anteriores: a teoria da suficiência relativa da Escritura, a qual insiste na unidade entre Escritura e Tradição e sobre a sua interdependência. A essência dessa tese pode ser resumida assim: todas

²⁴ RATZINGER, J., 2013, p. 121.

as verdades reveladas estão formalmente contidas na Tradição (explícita ou implicitamente) e todas substancialmente na Escritura, no sentido que todas têm nela o seu fundamento, se bem que nem todas possam ser rigorosamente dela deduzidas²⁵.

2 SOBRE A ELABORAÇÃO DO DOCUMENTO

Já antes da abertura do Concílio Vaticano II a questão da Revelação era considerada como um ponto central, ao mesmo tempo para a doutrina católica e por sua importância ecumênica. Por isso, dentre os sete esquemas de Constituições dogmáticas elaborados pela Comissão Teológica Pré-conciliar encontrava-se o *De Fontibus Revelationis*. O texto foi enviado aos Padres conciliares para ser debatido na Aula Conciliar no início da primeira sessão²⁶. O *Schema* proposto estava escrito segundo uma mentalidade teológica não apenas derivada do Concílio de Trento, mas portadora de uma interpretação simplificada e rígida dos textos desse concílio. Para compreender a atitude mental que se expressa no esquema inicial, há que se ter presente a situação de luta da Igreja nos últimos cem anos, um duro enfrentamento contra o que se chamava de modernismo²⁷. Ademais, a releitura de Trento que havia feito o Vaticano I tinha contribuído a difundir a doutrina das “duas fontes” como uma doutrina praticamente dogmática²⁸. Partia da ordem do conhecimento, ou seja, das fontes pelas quais se conhece a Revelação²⁹.

O *Schema* inicial foi rejeitado particularmente em torno ao primeiro capítulo. Observava-se a impropriedade e o caráter equívoco da expressão “dupla fonte” e, sobretudo, nas consequências doutrinárias que viam a Escritura e a Tradição como fontes independentes uma da outra, porque equivalia a

²⁵ OCÁRIZ, F., BLANCO, A., 1998, p. 197.

²⁶ FISICHELLA, R. *Dei Verbum*. In: LATOURELLE, R.; FISICHELLA, R. (Dir.). *Dicionário de Teologia Fundamental*. Petrópolis-Aparecida: Vozes-Santuário, 1995. p. 191.

²⁷ RATZINGER, J., 2013, p. 257.

²⁸ SESBOÜÉ, B. La comunicación de la Palabra de Dios: *Dei Verbum*. In: SESBOÜÉ, B., THEOBALD, C. (Dir.), *La Palabra de la Salvación*. Salamanca: Secretariado Trinitario, 1997. p. 403.

²⁹ RATZINGER, J., 2013, p. 193.

uma opção teológica unilateral³⁰. No debate “confrontaram-se mentalidades, formações culturais e orientações teológicas bastante diferentes. O uso do plural ‘fontes’, no título, já indicava o acolhimento de uma precisa tese teológica de matriz antiprotestante, que parecia para muitos já ter sido superada por ulteriores elaborações e pela recuperação da importância da Bíblia, não só na teologia católica como também na experiência eclesial e espiritual”³¹. *Fontibus* orientava a uma pluralidade de fontes da Revelação, a uma dualidade, Escritura e Tradição, concebidas como fontes separadas e independentes³².

No contexto desse debate, revelou-se determinante a alegada descoberta histórica que Geiselmann dizia ter feito. Como se observou, concluíra que Trento tinha querido ensinar que não existe qualquer divisão dos conteúdos da fé entre Escritura e Tradição, mas que ambas - Escritura e Tradição - contêm, cada uma por conta própria, o todo, ou seja, são em si mesmas completas. “Todavia, aquilo que naquele momento estava em questão não era a alegada ou real inteireza da Tradição, o que estava em jogo era a afirmação de que, segundo a doutrina de Trento, a Sagrada Escritura continha o depósito inteiro da fé. Falava-se da ‘inteireza material’ da Bíblia nas questões de fé”³³.

Daí começou a se considerar que a Igreja não podia ensinar nada que não se encontrasse expresso na Escritura, dado que esta última contém, de maneira completa, tudo o que diz respeito à fé. Como a premissa era identificar a interpretação da Escritura com a exegese histórico-crítica, isto significava que a Igreja não podia ensinar nada que não superasse o exame do método histórico-crítico. A exegese devia tornar-se a última instância, mas dado que pela própria natureza da razão humana e da investigação

³⁰ FISICHELLA, R., 2013, p. 191.

³¹ ALBERIGO, G. (Org.). *História dos Concílios Ecumênicos*. São Paulo: Paulus, 1995. p. 402s.

³² VANHOYE, A. La recepción en la Iglesia de Constitución Dogmática *Dei Verbum*. In: SÁNCHEZ NAVARRO, L.; GRANADOS, C. (Dir.). *Escritura e Interpretación*. Madrid: Palabra, 2003. p. 147.

³³ RATZINGER, J., 2005, p. 87.

histórica não existe a plena unanimidade entre os exegetas, então a fé pertenceria ao âmbito do indeterminado e da contínua mutabilidade de hipóteses históricas. Crer significaria algo como ter uma opinião submetida a revisões contínuas³⁴.

A Sagrada Escritura é o testemunho essencial da Revelação, mas a Revelação é uma realidade viva, uma realidade mais ampla - para que seja assim, deve chegar aos seus destinatários e deve ser acolhida, caso contrário não é Revelação. A Revelação não é um meteorito que caiu sobre a terra e que se localiza num sítio como uma massa rochosa de onde se podem recolher amostras de minerais, levá-los para o laboratório e analisá-los. (...) Mas se dermos a primazia à Revelação relativamente à Sagrada Escritura, então, a última palavra sobre ela não pode vir da análise das amostras minerais - o método histórico-crítico -, pelo contrário, a Revelação é composta pelo organismo vital da fé de todos os séculos. É a esta primazia da Revelação sobre a Sagrada Escritura, que, por sua vez, não pode ser expressa num código de fórmulas, aquilo a que nós chamamos 'Tradição'³⁵.

Ademais, o método histórico-crítico da exegese bíblica, enquanto tal, não tolera qualquer delimitação enunciada por um Magistério legitimador, isto é, o método não pode reconhecer uma instância diferente do critério histórico. Assim, até o conceito de Tradição se tornou problemático, pois, partindo do método histórico, não se consegue perceber uma Tradição oral - simultânea à Escritura e oriunda dos Apóstolos - que possa representar uma fonte de conhecimento histórico análoga à Bíblia³⁶.

Ao designar Escritura e Tradição como as fontes da Revelação, na prática identifica-se a Revelação com seus princípios materiais. Nesse caso, corria-

³⁴ RATZINGER, J., 2005, p. 87.

³⁵ Ibid., p. 89.

³⁶ Ibid., p. 86.

se o risco de cair num biblicismo, ou seja, na *sola Scriptura*, em identificar Escritura com Revelação. Bastaria afirmar que a Tradição não acrescenta nenhum conteúdo adicional à Escritura e ficaria claro que essa é toda a Revelação, Escritura e Revelação coincidem, que a *sola Scriptura* tem validade em sentido estrito e exclusivo³⁷.

O Concílio se opôs a essas teorias, mas, na opinião de muitos, a palavra de ordem da “inteireza material”, com todas as suas consequências, foi mais forte do que o texto final³⁸. Ao não se entender com clareza que a Revelação precede a suas objetivações na Escritura e na Tradição, em que a primeira segue sempre maior que essas, então o conceito de Revelação se restringe ao histórico e meramente humano. O divino não pode ficar absorvido em forma humana alguma, sempre a transcende, ou então se converte numa coleção de textos e costumes os quais seria eles mesmos a Revelação. Ao equiparar a Revelação com o texto, de modo que os limites de uma e de outro coincidam, a Revelação não poderia crescer em sua compreensão ou desdobrar-se, não seria algo vivo, mas morto, fixado no passado, estaria a mercê do historicismo, submetida a critérios humanos³⁹.

A modificação do título foi determinada pela consideração de que, no fundo do discurso sobre Escritura e Tradição como as fontes da Revelação, encontra-se uma insuficiente distinção entre *ordo essendi* e *ordo cognoscendi* que pode incidir perigosamente na captação do problema de fundo. A expressão *fontibus*, a dualidade das fontes da Revelação, pode ser aceita quando estritamente entendida no plano gnoseológico: da Revelação tomamos conhecimento através da Escritura e da Tradição. Mas a fórmula é falsa quando se atende à ordem do ser, pois a sucessão real é inversa: não é a Revelação que flui da Escritura e da Tradição, mas ambas fluem da Revelação, que é sua fonte única comum⁴⁰.

³⁷ RATZINGER, J., 2013, p. 119.

³⁸ Ibid., p. 87.

³⁹ Ibid., p. 575.

⁴⁰ Ibid.

No *ordo essendi*, do qual se há de partir antes de tudo, Escritura e Tradição não representam as fontes da Revelação, mas, ao inverso, a Revelação é a fonte precedente da qual brotam Escritura e Tradição como duas torrentes pelas quais se transmitem a única Revelação⁴¹.

Para Trento, a Revelação, isto é, o mostrar-se de Deus ao homem, o Seu vir ao encontro do homem, é sempre maior do que as palavras humanas conseguem descrever, é sempre maior, inclusive, do que as palavras da Escritura⁴². Assim, ficou claro aos Padres do Vaticano II que se deveria falar antes do agir de Deus do qual provêm Escritura e Tradição e do qual seriam instrumentos de transmissão. Antes de falar sobre os testemunhos da Revelação, era necessário falar sobre a Revelação em si. A Revelação é sempre mais com respeito ao seu testemunho escrito fixado na Escritura.

Escritura e Tradição não são as fontes da Revelação, senão que essa, o falar e desvelar-se a si mesmo por parte de Deus, é o *unus fons* do qual brotam Escritura e Tradição: esta é a verdadeira forma de expressar, que rege com toda a obviedade no Concílio de Trento. A inversão que converte a figura da Revelação já captada e formada (Escritura e Tradição) em fonte e que faz da Revelação uma magnitude subordinada deve ter começado a se praticar somente nos primeiros tempos do historicismo, nos quais se coloca em todas as partes a pergunta pelas fontes e nas quais o cristão menciona a Escritura e a Tradição como as fontes das quais extrai a Revelação. Essa forma de expressar-se contém claramente uma falta de distinção entre ordem do ser e ordem do conhecimento. É óbvio que Escritura e Tradição são para nós as fontes para o conhecimento da Revelação, mas não são a sua fonte⁴³.

⁴¹ RATZINGER, J., 2013, p. 101.

⁴² Ibid., p. 88s.

⁴³ Ibid., p. 117.

3 ASPECTOS SOBRE A REVELAÇÃO E A SUA TRANSMISSÃO

Na *Dei Verbum*, Escritura e Tradição deixam de ser chamadas de “fontes” para serem modalidades da transmissão da Revelação, estreitamente unidas e compenetradas⁴⁴. Na unidade que formam do único depósito da Revelação⁴⁵, devem ser recebidas e veneradas com mesmo espírito de piedade⁴⁶, em que a Revelação se cristalizará em doutrina, mas não são autoreferenciais, a ela remetem.

Os dois primeiros capítulos da *Dei Verbum* formam uma unidade e descrevem separadamente, em continuidade e em estreita relação, a Revelação e sua transmissão⁴⁷. O Vaticano II supera a discussão teológica acerca de se Escritura e Tradição são duas fontes. A única fonte da Revelação é Deus mesmo e Escritura e Tradição são canais pelos quais nos chega essa Revelação. Estritamente falando, nem uma nem outra são fontes da Revelação, ainda que ambas formem parte do plano revelador de Deus como modos de chegar aos homens. A estreita relação entre as duas mostra que a interpretação autêntica tanto de uma como de outra pertence unicamente ao Magistério⁴⁸.

Começar com a expressão *Dei Verbum* atrai a atenção imediata à Palavra de Deus. Porém, o título da constituição evoca mais a Revelação que a Escritura⁴⁹. Como afirmou o Papa Bento XVI:

(...) na Igreja, veneramos extremamente as Sagradas Escrituras, apesar da fé cristã não ser uma religião do Livro: o cristianismo é a religião da Palavra de Deus, não de uma palavra escrita e muda, mas do Verbo

⁴⁴ CONCÍLIO VATICANO, 2., 1962-1965. Constituição Dogmática *Dei Verbum* (sobre a Revelação Divina), 9. Disponível em: http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651118_dei-verbum_po.html. Acesso em 20 jun. 2014. Daqui em diante usar-se-á a sigla DV seguida do número de referência do número citado: DV 9.

⁴⁵ DV 10.

⁴⁶ DV 9.

⁴⁷ AS III/3,131-140.

⁴⁸ DV 10.

⁴⁹ VANHOYE, 2003, p. 29.

*encarnado e vivo. Por conseguinte a Sagrada Escritura deve ser proclamada, escutada, lida, acolhida e vivida como Palavra de Deus, no sulco da Tradição Apostólica de que é inseparável*⁵⁰.

A Revelação é sempre maior que seu princípio material, é a vida que se vive na Igreja e que somente desse modo vivifica a Escritura e faz com que se iluminem suas recônditas profundidades⁵¹. O Vaticano II apresenta o conceito de Revelação, que não se identifica de modo algum com o seu testemunho escrito que é a Bíblia. Abre o horizonte histórico e ao mesmo tempo teológico no qual se move a interpretação da Bíblia, não só livros humanos, mas o testemunho de um falar divino. A Tradição supera a Escritura, apesar de ter nela o seu centro, a partir do momento em que a Escritura é, em primeiro lugar e por sua natureza, “Tradição”.

4 A TRADIÇÃO E SUAS RELAÇÕES COM A ESCRITURA

A palavra Tradição tem uma longa história no interno da teologia católica, e, com frequência ligada à teoria das duas fontes da Revelação: uma parte em *scriptis* (Escritura) e outra em *traditis* (Tradição). Como resultado da polêmica com o princípio luterano da *sola Scriptura*, os manuais de teologia apresentavam a Tradição, sobretudo, como lugar em que se encontravam algumas verdades da fé que não aparecem nos textos bíblicos e como o princípio interpretativo da Bíblia. O Vaticano II recolhe os elementos autênticos dessa doutrina, mas situa-os num contexto mais amplo. Além disso, a ideia de verdades particulares claramente delimitadas transmitidas desde o começo por via oral, de forma paralela à Escritura, demonstrou ser insustentável sob a investigação histórica⁵².

⁵⁰ BENTO XVI. Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Verbum Domini* sobre a Palavra de Deus na Vida da Igreja, n.7, 2010. Disponível em: http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/apost_exhortations/documents/hf_ben-xvi_exh_20100930_verbum-domini_po.html. Acesso em 20 jun. 2014.

⁵¹ RATZINGER, J., 2013, p. 125.

⁵² Ibid., p. 283.

O Concílio cuidadosamente quis evitar falar no plural de fontes da revelação. Refutou uma concepção dicotômica que colocaria um dualismo à origem da Revelação e manteria compartimentos estanques entre Tradição e Escritura, quis insistir na unidade de origem e nas múltiplas conexões que as colocam em simbiose. “A Escritura é uma sedimentação da Tradição”⁵³. Ora, os quatro Evangelhos (e todo o Novo Testamento) não precedem o anúncio vivo; são posteriores a ele e seu produto. O Novo Testamento é, em grande parte, de caráter ocasional: em nenhum momento se considera como “Escritura”. A Revelação ocorreu primariamente não nos escritos, mas em toda a vida, nas palavras e nas obras de Jesus. A primeira transmissão da Revelação se dá por meio das testemunhas desses acontecimentos; no curso dessa pregação e desse testemunho, as diferentes tradições da fé são passadas gradualmente por escrito. Colocando por escrito o conteúdo da própria pregação e da própria fé, as primeiras gerações cristãs prestaram às épocas posteriores um serviço de dimensões incalculáveis: oferecem-lhes um ponto fixo de referência enraizado na Igreja primitiva. Como o cristianismo não reconhece outro início a não ser Jesus, a Igreja apostólica participa, de certo modo, da irrepetibilidade de Cristo: ela não é apenas a primeira no tempo, é também a “originária”⁵⁴.

A Tradição não é uma simples transmissão humana, é uma obra contínua do Espírito Santo na vida da Igreja. A Tradição é auto-entrega de Deus através de Jesus Cristo, no Espírito Santo, e tal autocomunicação está permanentemente presente na Igreja⁵⁵. O que ensinaram os apóstolos encerra todo o necessário para viver santamente e aumentar a fé, e, dessa forma, a Igreja, em sua doutrina, em sua vida e em seu culto perpetua e transmite a todas as gerações tudo o que ela é, tudo o que ela crê⁵⁶.

A *Dei Verbum* quis se opor à concepção da Bíblia como única fonte de

⁵³ SCHMAUS, M. *A fé da Igreja*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1982. v. 1. p. 146.

⁵⁴ LADARIA, L. 1993, p. 88.

⁵⁵ KASPER, W. *Teología e Iglesia*. Barcelona: Herder, 1989, p. 122.

⁵⁶ DV 8.

certeza acerca da Revelação, o que teria o efeito de transformar a fé numa “religião do livro”, pois a Bíblia não pode prescindir da Tradição, que a engloba⁵⁷, e lhe cabe a imprescindível função de interpretá-la, pois a Igreja alcança a certeza sobre todas as coisas reveladas não apenas através da Escritura⁵⁸. Contudo, com certa freqüência, fala-se da *Dei Verbum* como se o objeto da mesma estivesse circunscrito a declarações sobre a Bíblia, o que é inexato e não corresponde à intenção do concílio, de que a revelação de Deus vem transmitida juntamente pela Tradição e pela Escritura, sob a autoridade do Magistério⁵⁹.

Porém, não se pode entender a Tradição como instância meramente “interpretativa”⁶⁰. Aliás, deu novamente à noção de Tradição uma riqueza esquecida, ao ser reduzida muitas vezes à autoridade magisterial e a fonte de verdades que não se encontrariam sem ela. A Tradição não é uma alternativa à Escritura, mas realidade primeira formada pela entrega (*traditio*) de Cristo mesmo e de sua palavra à Igreja através dos apóstolos, significa simplesmente *Scriptura in Ecclesia*: a Escritura vive por sua adoção viva por parte da Igreja cheia do Espírito Santo, e só desse modo é ela mesma⁶¹.

A fidelidade à Tradição é muito mais que a pura repetição como fidelidade passiva e estática⁶². A Tradição não é, como a Escritura, um conjunto de textos consignados por escrito uma vez para sempre⁶³. Progride na Igreja pela maior compreensão, pela vida dos cristãos e pelo ensino dos sucessores dos apóstolos. Tem origem nos apóstolos, mas progride na Igreja, ou seja, assimila elementos novos, mantendo a fidelidade à própria origem⁶⁴. É toda a vitalidade da Igreja sob a influência do Espírito Santo,

⁵⁷ VANHOYE, A., 2003, p. 29.

⁵⁸ DV 9.

⁵⁹ VANHOYE, A, 2003. , p. 29.

⁶⁰ Ibid..

⁶¹ RATZINGER, J., 2013, p. 124.

⁶² KNOCH, W. *Revelación, Escritura y Tradición*. Valencia: EDICEP, 2001, p. 271.

⁶³ VANHOYE, A., 2003, p. 34.

⁶⁴ DV 8.

que conserva o depósito da fé e atualiza-o no tempo⁶⁵, tendo um sentido dinâmico, histórico, progressivo⁶⁶. A Tradição é como o desdobramento vivo da verdade entregue, um desdobramento sem o qual não pode haver preservação alguma do originário. Não é um depósito fechado de verdades particulares, mas princípio de vida em Cristo através da qual se conserva e descobre a verdade única através do tempo⁶⁷. Há uma tensão escatológica que perpassa a Tradição em seu interior. A Igreja está na rota de crescimento à plenitude da verdade.

Tradição é *verbum Dei traditum* e Escritura é *verbum Dei scriptum*. A Escritura é Palavra de Deus, não é toda a Palavra de Deus, mas somente a Palavra de Deus escrita⁶⁸. Escritura e Tradição transmitem desde uma mesma origem a Palavra de Deus, ainda que difiram no modo de transmiti-la. E a Tradição percebe a Escritura como algo singular. Percebe que está “inspirada” e que transmite a Palavra de Deus, *verbum Dei*, sendo *locutio Dei*⁶⁹. Percebe a tal ponto que discerne quais são exatamente os livros que a compõem⁷⁰. Ou seja, a singularidade da Escritura faz que não seja confundida com a Tradição: é Palavra de Deus sendo uma Escritura historicamente determinada.

Por um lado, não existe uma Tradição no sentido de um conjunto de verdades particulares independentes dado desde o começo. Por outro, no entanto, não existe Escritura sem Tradição: a Escritura é a consignação por escrito do que antes, no cristianismo mais antigo, se havia transmitido de forma oral. A Tradição não é somente requisito da Escritura, mas seu princípio de construção interno⁷¹.

É óbvio que, nos dois Testamentos, a Tradição oral precedeu à fixação escrita da Revelação. Basta lembrar, por exemplo: Jesus Cristo comunicou sua

⁶⁵ DANIÉLOU, J. Revelación y Fe. In: *Cuestiones actuales de Teología*. Bogotá: SPEC, 1973. p. 72.

⁶⁶ DV 8.

⁶⁷ RATZINGER, J. 2013, p. 284.

⁶⁸ VANHOYE, A., 2003, p. 30.

⁶⁹ DV 9.

⁷⁰ DV 8.

⁷¹ RATZINGER, J. 2013, p. 421.

mensagem por obras e palavras aos apóstolos, não deixando nenhum escrito seu; os apóstolos transmitiram a mensagem cristã mediante a pregação e a edificação da Igreja, bem antes de fazê-lo também por escrito; nem todos os apóstolos deixaram algo escrito. Ademais, a fixação escrita da Revelação não substituiu a Tradição oral. A própria origem, a própria finalidade e o próprio conteúdo dos escritos do Novo Testamento mostram seu caráter parcial com respeito à pregação apostólica. Ao menos durante o século I, nenhuma comunidade cristã dispunha dos quatro Evangelhos, por exemplo. Isso não significa necessariamente que o conjunto da Escritura não contenha de alguma maneira a totalidade da Revelação, mas no tempo apostólico, a fixação por escrito não foi concebida para substituir, nem de fato substituiu, a pregação oral. Inclusive, há textos bíblicos que testemunham explicitamente a não substituição da Tradição oral pela escrita durante o tempo apostólico⁷². Outro aspecto neotestamentário é o papel de interpretação da Escritura por parte da Tradição⁷³.

Escritura e Tradição não são dois recipientes de verdades justapostos, mas existem em mútua relação, ordenadas uma a outra, de tal modo que cada uma delas possui sua função inconfundível e exclusiva. A Escritura assegura o vínculo à história, é a muralha de proteção contra a dissolução da fé na especulação do pensamento arbitrário. A Tradição encarna o hoje vivo da fé, que deve realizar-se, desdobrar-se e provar-se de novo em todos os tempos⁷⁴. A Palavra de Deus não é a Escritura separada da Tradição, mas a Escritura carregada pela corrente vivificante da Tradição⁷⁵.

A relação entre Escritura e Tradição é descrita pelo Concílio, sobretudo, como unidade⁷⁶. Unidade em razão da comum origem divina, da interdependência entre elas que faz com que, em certo sentido, constituam

⁷² Cf. 2Ts 2, 15; 2Tm 1, 13s.

⁷³ Cf. 2Pd 1, 20; 2Pd 3, 16.

⁷⁴ RATZINGER, J., 2013, p. 422.

⁷⁵ VANHOYE, A., 2003, , p. 45.

⁷⁶ DV 9.

uma única realidade, e em razão da comum finalidade das duas: transmitir a Revelação, da qual Escritura e Tradição não são dois depósitos que se complementam, mas constituem um único depósito⁷⁷. A unidade entre Escritura e Tradição está fundamentada na origem comum em Deus: é Deus o Autor principal da Escritura, mediante a inspiração; e foi Deus que estabeleceu o princípio de Tradição, mediante a tarefa confiada aos Apóstolos (e depois à Igreja de todos os tempos, mesmo que de modo diverso) de pregar o Evangelho com a assistência do Espírito Santo. A unidade entre Escritura e Tradição também está enraizada na finalidade comum, que é a transmissão da Palavra de Deus, do Evangelho entendido em sentido amplo, ou seja, de toda a realidade do cristianismo, para a glória de Deus e a salvação dos homens. Há também outra raiz da unidade entre Bíblia e Tradição que é o seu conteúdo comum: de fato, tanto uma quanto outra transmitem a mesma realidade, o Evangelho.

A distinção entre a Escritura e a Tradição tem um aspecto evidente: o do modo ou forma em que é transmitido o Evangelho (transmissão escrita e transmissão oral). No entanto, este aspecto – considerado na sua simples materialidade – não expressa a diferença essencial, entre outras coisas porque a tradição oral também toma, depois, formas escritas. A Escritura é, em si mesma, *locutio Dei* não apenas no seu conteúdo, mas também na sua expressão, enquanto que a Tradição é palavra humana, mesmo se transmite integral e fielmente, graças à assistência do Espírito Santo, a Palavra de Deus. Portanto, a distinção não é somente aquela entre escrito e não escrito, e o Concílio reafirma a não suficiência da Escritura para que a Igreja tenha certeza de tudo o que é revelado⁷⁸.

O aspecto principal da diferença é antes estrutural. De fato, a estrutura da Bíblia é a do texto escrito e, por isso, fixo e em si mesmo definitivo; a estrutura da Tradição é a de uma realidade viva, no sentido que pertence

⁷⁷ VANHOYE, 2000, p. 32.

⁷⁸ Ibid.

à sua essência o crescimento, o desenvolvimento, não por acréscimo de novidade que não estejam no depósito original (porque então não seria mais tradição, ou seja, transmissão), mas para aprofundamento ou crescimento da inteligência do depósito, para a explicitação do que havia apenas implicitamente no depósito originário. Há outro aspecto da diferença, também estrutural, intimamente ligado com o precedente: a Escritura, em si mesma, é Palavra de Deus (pela inspiração), enquanto que a Tradição é palavra humana que recorda e explica o ensinamento divino, com a assistência do Espírito Santo, que exclui o erro no conjunto da Tradição e em alguns atos individuais (as definições dogmáticas).

Escritura e Tradição devem ser recebidas com igual veneração e piedade, o que não significa desconhecer a distinção recordada acima: a Escritura é inspirada, enquanto que não o é nenhuma expressão singular da Tradição não escriturística. Tal superioridade da Escritura é acompanhada também de certa inferioridade: a Escritura necessita da Tradição⁷⁹. Fixada de modo imutável, a Escritura corre o risco de permanecer letra morta. Depois de terminado o período fundacional, a Tradição não produz mais textos inspirados pelo Espírito Santo, mas goza da sua assistência para atualizar a Escritura⁸⁰.

A interdependência entre Escritura e Tradição é, de algum modo, o aspecto que resume os outros dois (unidade e diferença) e, ao mesmo tempo, o que determina mais precisamente o alcance da unidade e da diferença. Pode-se pensar numa mútua dependência entre Escritura e Tradição na sua formação, no seu reconhecimento e na sua função na vida da Igreja. Com relação à formação, é evidente a dependência da Escritura da prévia Tradição, mas também que à medida que eram escritos os livros inspirados, a pregação oral se apoiava nos textos escritos, que serviam precisamente para garantir a fidelidade da pregação ao ensino primitivo. Escritura e Tradição

⁷⁹ VANHOYE, A. 2000, p. 33.

⁸⁰ Ibid., p. 34.

têm necessidade uma da outra para o reconhecimento de ambas. A Escritura é reconhecida como tal (isto é, como inspirada) mediante a Tradição. Mas também, em sentido contrário, o reconhecimento – como pertencente à Tradição apostólica – de algo recebido do passado requer o confronto com a Escritura, porque esta, na sua concreta singularidade, é o único testemunho imediato da pregação apostólica. Isto não significa absolutamente que somente o que está contido na Escritura possa ser reconhecido como proveniente dos Apóstolos; no entanto, é também evidente que, apesar de qualquer outra característica (antiguidade, etc.), uma pretensa “verdade” não pode ser reconhecida como verdadeira tradição apostólica em contraste com a Escritura.

Quanto à função de ambas na vida da Igreja, a interdependência entre Escritura e Tradição é expressa pelo fato, historicamente bem provado, de que a Tradição é, sobretudo, interpretação da Escritura. A Tradição depende da Escritura nesta sua função primordial (sem a Escritura, não existe tal interpretação). Contudo, sem a Tradição “não há Escritura”, existiria simplesmente letra, que ficaria morta, porque como escreveu Santo Hilário em *Ad Constantium*: “*Scripturae enim non in legendo sunt, sed in intelligendo*”⁸¹. A verdadeira inteligência da Escritura não está limitada àquela que poderia provir da análise literária, filológica, etc., mas inclui – e é essencial – uma inteligência superior, fruto – além do Espírito Santo que assiste à Igreja – da *analogia fidei*, da leitura cristológica do AT feita tendo em consideração a unidade entre os dois Testamentos, etc. Nesse sentido, a interpretação da Bíblia pela Tradição não é principalmente transmissão de interpretações de cada texto bíblico feitas oralmente pelos Apóstolos, mas a aplicação ao longo da história da Igreja do modo de interpretar a Bíblia (sentido cristológico do Antigo Testamento, etc.) usado e ensinado por Cristo aos Apóstolos.

⁸¹ HILARIUS Pictaviensis. Tractatus Super Psalmos. In: MIGNE, JP. *Patrologia Latina*. Tomo 10, Coluna 570, Boston: Harvard University, 1845.

A Tradição e a Escritura constituem uma única fonte da Palavra de Deus: Palavra de Deus escrita ou transmitida; ou seja, a diferença entre elas é qualitativa e não quantitativa⁸². A Tradição contém muitas coisas não escritas, mas “contidas” na Escritura. Não se trata aqui de um jogo de palavras. Na Tradição, de fato, encontramos verdades de fé que não se encontram explicitamente na Escritura e nem mesmo implicitamente, se “implicitamente” se entende em sentido estrito, ou seja, como rigorosamente dedutível do que é explícito, por meio unicamente do raciocínio. Apesar de não se encontrarem na Escritura, se procuradas unicamente com os meios humanos da hermenêutica, no entanto, estas verdades estão contidas na Escritura interpretada pela Tradição.

Não há dúvidas sobre a existência de concretas tradições apostólicas não escritas relativas ao culto e à disciplina eclesiástica, com implicações doutrinárias também (por exemplo, o batismo de crianças, a validade do batismo administrado pelos hereges, etc.). No entanto, nas tradições indicadas pelos Santos Padres e, depois, pela teologia, estas implicações doutrinárias, mesmo quando não são escritas podem ser consideradas “contidas na Escritura interpretada”. De qualquer modo, parece importante destacar que não se pode excluir *a priori* a possibilidade de verdades pertencentes à fé que não estejam de nenhum modo contidas na Escritura, porque no fundo isto depende da libérrima disposição divina. Trata-se antes de uma questão de fato e não de possibilidade: ao se encontrar uma concreta verdade de fé que não esteja de nenhum modo contida na Bíblia, então existe a correspondente Tradição constitutiva em sentido forte. Até agora, não foi reconhecida nenhuma verdade de fé que não tenha fundamento escriturístico, e é muito difícil que possa haver, pela união entre as verdades. Por exemplo, o Magistério, ao definir os dogmas da infalibilidade do Papa e da Assunção de Nossa Senhora, não se baseou somente na Tradição, mas

⁸² DV 10.

também na Escritura⁸³. Mesmo se estas verdades não estão escritas na Bíblia, nem explicitamente, nem implicitamente em sentido estrito, podem-se dizer “contidas na Escritura interpretada pela Tradição”.

Como Trento, o Vaticano II deixou propositalmente em suspenso a questão da suficiência material da Escritura⁸⁴, estabelece somente o vínculo entre a Tradição e a Escritura de maneira qualitativa e não quantitativa. O Concílio quis destacar que não é esse o ponto importante, mas sim outro: que a Igreja não considera nunca a Escritura sem a Tradição, nem a Tradição sem a Escritura, porque a própria Tradição está em constante referência à Escritura. Não há mais que uma fonte divina da Escritura e da Tradição que formam um todo, compenetrando-se, tendo um mesmo fim⁸⁵.

CONCLUSÃO

A Igreja vive da Palavra de Deus e a Palavra de Deus ressoa na Igreja, no seu ensinamento e em toda a sua vida⁸⁶. A Igreja tem no conjunto da Escritura e da Tradição como regra suprema da sua fé⁸⁷. E a Teologia apóia-se, como em seu fundamento perene, na Escritura e na Tradição, e nela se consolida firmemente e sem cessar se rejuvenesce, investigando, à luz da fé, toda a verdade contida no mistério de Cristo⁸⁸. Importa destacar a interdependência e a unidade entre Escritura e Tradição formuladas com grande vigor pelo Concílio Vaticano II, quando afirma que a Escritura e a Tradição (e também o Magistério como intérprete autêntico) “não podem subsistir independentemente”⁸⁹. Realidade que constitui um princípio fundamental a ser lembrado para qualquer tipo de trabalho teológico.

⁸³ DS 3066, 3070, 3901.

⁸⁴ SESBOÛÉ, B., 1997, p. 404.

⁸⁵ Ibid., p. 423.

⁸⁶ DV 8.

⁸⁷ DV 21.

⁸⁸ DV 24.

⁸⁹ DV 10.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERIGO, G. (Org.). *História dos Concílios Ecumênicos*. São Paulo: Paulus, 1995.

BENTO XVI. Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Verbum Domini* sobre a Palavra de Deus na Vida e na Missão da Igreja. Disponível em: http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/apost_exhortations/documents/hf_ben-xvi_exh_20100930_verbum-domini_po.html. Acesso em 20 jun. 2014.

CONCÍLIO VATICANO, 2., 1962-1965. Constituição Dogmática Dei Verbum sobre a Revelação Divina. n.1. Disponível em: http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651118_dei-verbum_po.html. Acesso em: 20 jun. 2014.

DANIÉLOU, J. Revelación y Fe. In: *Cuestiones actuales de Teología*. Bogotá: SPEC, 1973.

DENZINGER, Heinrich; SCHÖNMETZER, Adolfus. **Enchiridion Symbolorum**: definitionum et declarationum de rebus fidei et morum. 33. ed. Barcelona: Herder, 1965.

FISICHELLA, R. Dei Verbum. In: LATOURELLE, R.; FISICHELLA, R. (Dir.). *Dicionário de Teologia Fundamental*. Petrópolis-Aparecida: Vozes-Santuário, 1995.

HILARIUS Pictaviensis. Tractatus Super Psalmos. In: MIGNE, JP. *Patrologia Latina*. Tomo 10, Coluna 570, Boston: Harvard University, 1845.

KASPER, W. *Teología e Iglesia*. Barcelona: Herder, 1989.

KNOCH, W. *Revelación, Escritura y Tradición*. Valencia: EDICEP, 2001.

LADARIA, L. O que é um dogma? O problema do dogma na teologia atual. In: NEUFELD, K. (Org.). *Problemas e perspectivas de Teologia Dogmática*. São Paulo: Loyola, 1993.

LATOURELLE, R. *Teologia da Revelação*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1981.

MÖEHLER, J. A. *La unidad de la Iglesia*. Pamplona: Eunote, 1996.

MONDIN, B. *Dizionario dei Teologi*. Bologna: Studio Domenicano, 1992.

MORALES, J. *Introducción a la Teología*. Pamplona: EUNSA, 1998.

OCÁRIZ, F., BLANCO, A. *Revelación, fe y credibilidad*. Madrid: Palabra, 1998.

RATZINGER, J. *A minha vida*. Lisboa: Livros do Brasil, 2005.

_____. *Obras completas*. V. VII/1. Madrid: BAC, 2013.

SCHMAUS, M. *A fé da Igreja*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1982. v. 1.

SESBOÜÉ, B. La comunicación de la Palabra de Dios: Dei Verbum. In: SESBOÜÉ, B., THEOBALD, C. (Dir.), *La Palabra de la Salvación*. Salamanca: Secretariado Trinitario, 1997.

VANHOYE, A. La parola di Dio nella vita della Chiesa; La recezione della Dei Verbum. In: FISICHELLA, R. (org.). *Il Concilio Vaticano II; Recezione e attualità alla luce del Giubileo*. Milano: San Paolo, 2000.

_____. La recepción en la Iglesia de Constitución Dogmática *Dei Verbum*. In: SÁNCHEZ NAVARRO, L.; GRANADOS, C. (Dir.). *Escritura e Interpretación*. Madrid: Palabra, 2003.